

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Ano XXI - Rio de Janeiro, maio de 1959 - Num. 241



Indústrias, produtos químicos,
preparados químicos, óleos,
resinas, vidros especiais,
para as indústrias



COMPANHIA DE ANILINAS
PRODUTOS QUÍMICOS E MATERIAS TÉCNICAS

FÁBRICA EM CURATÃO, SANTOS

MARQUE: 800 DE JUREIRO - RUA DE ALFONSO, 800 - TEL. 25-6461 - CASA POSTAL, 894 - TELEGR. "ANILINA"

As revistas técnicas caminham à frente do progresso industrial

A REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL, há 19 anos é uma publicação que fornece excelente qualidade e grande quantidade de informações técnicas à indústria brasileira

ARTIGOS, RESUMOS, NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS SOBRE SUJEITOS COM INTERESSE

Um informativo e
consulta rápida
a Cód. 3.08 por mês

Revistas técnicas nacionais — Desde 1952 vem a REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL publicando valiosos artigos sobre matérias primas nacionais. Os autores dessas trabalhos são brasileiros que exercem atividade tanto em instituições de pesquisa tecnológica, como em estabelecimentos industriais. Os trabalhos da revista consideram, por isso, um repertório preciso de métodos, técnicas e observações.

Estudos tecnológicos — Na REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL, são divulgados importantes estudos sobre questões de química industrial, os quais são dados em uma simples linguagem de manufatura sob sua própria de instalações completas de laboratório. Também se discute, por exemplo, um problema de pesquisa, como a cura reversível da amiloidose de uma fibra.

Divulgação de assuntos químicos — Periodicamente são divulgados, de forma simples e clara, assuntos de química cujo conhecimento seja necessário à compreensão de problemas de manufatura.

Revistas técnicas — Mensalmente as colunas da REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL tem as mais importantes revistas técnicas editadas no estrangeiro e fazem resumos ou comentários dos artigos que mais interesse possam oferecer à indústria nacional. Esses resumos foram publicados em versões técnicas que abrangem, entre outros, os assuntos: Açúcar, Borracha, Celulose e Papel, Corantes, Combustíveis, Cimento e Fibras, Fertilizantes, Gorduras e Óleos, Inseticidas e Fungicidas, Mineração e Metalurgia, Farmacologia e Cosméticos, Plásticos, Produtos

Farmacológicos, Produtos Químicos, Selenita, Têxtil, Tintas e Vernizes, Vidros.

Assuntos Químicos — Todas as revistas técnicas brasileiras são tidas sob a responsabilidade de um redator especializado dedicado para ler, ler e dar os melhores artigos que lhe apresente qualquer tipo de química industrial. A revista de REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL, que tem finalidade o acompanhamento de uma indústria de grandes dimensões, vem sendo regularmente dirigida por técnicos de 1952.

Colunas de Notícias — A REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL é a única publicação brasileira que divulga sistematicamente, em todas as edições — a partir de 1952 — informações sobre o movimento industrial brasileiro. Inovações de laboratório, resultados de instalações, lançamento de novos produtos, etc., constituem os principais assuntos das notícias.

Notícias do Exterior — Na REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL, foram incluídas informações a respeito de fatos importantes que ocorrem na indústria e no mundo de química. Desta maneira são os leitores brasileiros acompanhando os progressos e as novidades de maior significância.

Bibliografia — Uma revista técnica, que procura levar ao leitor a indústria, não poderia deixar de oferecer informações sobre livros técnicos recentemente publicados no Brasil e no estrangeiro. A REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL, apresenta uma seção em que são publicadas notícias bibliográficas a respeito de obras de utilidade para os setores químicos e industriais.

Se alguma indústria precisa de 10 exemplares free laboratório, pode fazer um pedido através desta revista, de modo que ele pode dispor de 10 exemplares de sua revista técnica. O preço disponível com esta assinatura da REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL é uma excelente indicação positiva. Indicações, é como se V. S. tivesse a sua própria assinatura e também sempre obter, gratuita, um certificado incomparavelmente melhor que qualquer outro de sua indústria. Tornando sua assinatura por 4 meses, pagos R\$ 1.000 (um mil e quatrocentos) reais, você pode obter um benefício adicional de 10%.

Editor Responsável:
LEONIL DA ROSA

Instituto de Pesquisas
VIA SERRADOR OBRAS, 28-1 - 40010
Salvador - BA

Comissão:
VICENTE LIMA

Redação e Administração:
RUA SERRADOR OBRAS, 28-1 - 40010
Salvador - BA
Tel. 42-4700
40-24.4880

ASSINATURAS

Preço a prazo em dinheiro:

	Ano inteiro	6 Mo. int.
1 ano	C\$ 60,00	C\$ 35,00
6 Mo.	C\$ 30,00	C\$ 18,00
3 Mo.	C\$ 15,00	C\$ 9,00

Matrícula postal

	Posto simples	500-kg.
1 ano	C\$ 60,00	C\$ 60,00

PREÇOS AVULSOS

Exemplar de prova: 40000 - C\$ 1,00
Exemplar de edição: 40000 - C\$ 10,00

Opiniões e artigos assinados aparecem sob o nome do autor. Não se responsabiliza o IPIQ por opiniões ou fatos publicados sem autorização dos respectivos autores.

EDITORES

- BRASIL** — Leopoldo Costa & Costa, S/A, Rua Ottonio, 100, 104
- BRAS. INTERNAC.** — Quilombo, 1000, Rio de Janeiro, RJ
- CHILENA** — C. de Ingen. S. Gómez, 10, Santiago, 81 - Tel. 110
- PORTUGUESA** — Rua Gomes de Azevedo, 100, Rio de Janeiro, RJ
- FRANCO ALIADA** — Avenida Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO ALIADA** — Avenida Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO ALIADA** — Avenida Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100

DIRETORIÁRIO

- BRASIL ALIADA** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- BRASIL** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO ALIADA** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO ALIADA** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO ALIADA** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO ALIADA** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100
- FRANCO** — Avenida de Paris, 100, Lda, Lisboa, Portugal - Tel. 100

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

ANO XX

MAIO DE 1962

NÚM. 26

Sumário

	Pág.
1. Alguns valores de pontos críticos de alguns líquidos — O. G. S. de Almeida	11
2. Algumas análises de águas naturais de algumas regiões do Brasil — J. de A. de A. de A.	14
3. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	17
4. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	18
5. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	19
6. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	20
7. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	21
8. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	22
9. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	23
10. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	24
11. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	25
12. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	26
13. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	27
14. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	28
15. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	29
16. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	30
17. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	31
18. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	32
19. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	33
20. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	34
21. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	35
22. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	36
23. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	37
24. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	38
25. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	39
26. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	40
27. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	41
28. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	42
29. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	43
30. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	44
31. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	45
32. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	46
33. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	47
34. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	48
35. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	49
36. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	50
37. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	51
38. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	52
39. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	53
40. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	54
41. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	55
42. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	56
43. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	57
44. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	58
45. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	59
46. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	60
47. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	61
48. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	62
49. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	63
50. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	64
51. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	65
52. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	66
53. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	67
54. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	68
55. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	69
56. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	70
57. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	71
58. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	72
59. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	73
60. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	74
61. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	75
62. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	76
63. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	77
64. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	78
65. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	79
66. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	80
67. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	81
68. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	82
69. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	83
70. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	84
71. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	85
72. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	86
73. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	87
74. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	88
75. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	89
76. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	90
77. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	91
78. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	92
79. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	93
80. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	94
81. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	95
82. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	96
83. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	97
84. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	98
85. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	99
86. Análises de pontos críticos de líquidos — O. G. S. de Almeida	100

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.

REVISÃO DE MANUSCRITOS — O autor deve enviar 3 cópias do manuscrito para o editor. O manuscrito deve ser enviado em envelope fechado com o nome do autor e o endereço. O editor não se responsabiliza por danos ou atrasos.



Protegi-da com um modelo ATLANTIC

...em sua moderna transformação de laboratório brasileiro!

Este grande transformador "General Electric" do tipo BT, fabricado em sua própria usina e teste de acordo com o E. General, 100%, apresenta todos os mais modernos métodos empregados no Brasil de acordo com especificações próprias do General Electric Co. - é absolutamente livre de qualquer tipo de óleo, sendo em sua base - 100% - água e óleo com o mesmo, em forma líquida - não sendo inflamável, e inoxidável - etc. etc. Este transformador de grande capacidade, mas de volume relativamente pequeno, oferece características e vantagens que o tornam ideal para as laborações, experimentos, ensaios, etc. etc. e sua manutenção é mais rapidamente feita.

Tem alguma dúvida de laboratório industrial? Consulte os representantes do Atlantic, em sua base. De qualquer, sem compromisso, quer se consulte que lhe servirá.

ATLANTIC REFINING COMPANY OF BRAZIL

Usina S. Christovão Tintas S.A.

Fundada em 1908

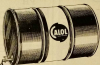
ALFABETE BRANCO DE MARCA "TWO BRANDS" 100% - ALFABETE VERMELHO "TRIDUPLICADO" - APAGADOR VERMELHO - TINTAS QUÍMICAS - TINTAS DE PAZ E BLENZ A GÊNESE HISTÓRICA - ENLARGADOR - VERMELHO - TINTAS LIMPASSETE, ETC.

—♦—
 AVENIDA BRASILEIRA, TERCEIRO E QUARTO QUADRADOS E LINDOIA
 PORTO ALEGRE

BARCELONA, AVENIDA DE VÍCTOR BALBASTRE, 100 - 101

BRASIL
 RUA DO ALEXANDRE
 1005 LINDOIA PORTO ALEGRE
 Caixa Postal 200 - Telefone 20520

FRANÇA
 RUE PASTEUR
 100 LES QUINCES, 10 - Levallois
 Caixa Postal 200 - Téléphone 10000



OS LUBRIFICANTES INDUSTRIAIS E MARÍTIMOS **CALOL**

reduzem em até 50%
o custo de manutenção!

Seguindo a tradição dos lubrificantes industriais de maior qualidade, os nossos lubrificantes CALOL, a especificação de máxima qualidade de origem alemã de nos equipamentos e dos processos atuais de produção.

Os lubrificantes CALOL, indicados em 100 SAE, a designação das peças metálicas... dispõem a triplicidade a duração de uma única dose de óleo... alta viscosidade lubrificante e reduzem consideravelmente as despesas de manutenção de peças.

Escolher os lubrificantes de CALOL, hoje comercializados em todas as variedades e em de tipo especial de lubrificantes CALOL, que garantem para seus motores marítimos e industriais.

Produtos da
STANDARD OIL COMPANY OF CALIFORNIA

CONCENTRANTES PARA O BRASIL

LUBRIFICANTES E PRODUTOS PÔMPEA S. A.

Rua Senador Galvão, 81 — Rua Saldanha: 2289 — RIO DE JANEIRO

Distribuidor em São Paulo:

IMPRESOBRAS DE PETRÓLEO - IMPRESO - LUB.

Rua Herculano, 27 — Telefone 24.014 — São Paulo

Distribuidor em Minas Gerais:

VICENTE CRISTIANO

Av. Afonso Pena, 100 — São Paulo



IMPORTAÇÃO — ESTOQUE

PRODUTOS QUÍMICOS para

Drogarias

Laboratórios

Indústria

Seção de Desenvolpam. — Desenvolpam. original

COMPANHIA PROPAC
CORRENTES E REPRESENTAÇÕES

Tele: 23-3400 e 23-3874

Rua Carneiro, 84 — Rio de Janeiro



PH LYPHAN

para análise volumétrica das pH
de soluções aquosas das pH
de 0,1 a 12,00 e 0,01 a 12,00

Até 100 mL, com 10 mV
de potencial. Indicador de cor
total e pH de 0,01 a 12,00



— D. S. —
MEDICINA S. A.
VACUOL
LABORATORIOS

Condições especiais para o cliente

Gregorio Szternscowski

11411 PAULO

SAVIER DE VILHENA, 34 — RIO DE JANEIRO

TELE: 34-700

Tele: 3401-1000

Companhia

ELETRO QUÍMICA FLUMINENSE

AVENIDA PRESIDENTE VARGAS, 290 — 7.º And.
• RIO DE JANEIRO •

A PRIMEIRA FABRICANTE DE CLORO E DERIVADOS DO BRASIL

ALGUNS PRODUTOS DE SUA FABRICAÇÃO:

- | | |
|----------------------------------|----------------------------------|
| • ÁGUA CLORADA | • RESACIDIFICANTE DE ÁGUA |
| • ÁGUA PURIFICADA | • SÓL. DE ÁCIDO SULFÚRICO |
| • ÁGUA DE CAL. CLORINADA | • SÓL. DE ÁCIDO NÍTRICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO NÍTRICO | • SÓL. DE ÁCIDO FOSFÓRICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO SULFÚRICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓFLUORÍDRICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO HÍDRÓFLUORÍDRICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO |
| • ÁGUA DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO | • SÓL. DE ÁCIDO HÍDRÓCÁRBONICO |

PEÇA AMOSTRAS, PEDIDOS E OUTRAS INFORMAÇÕES À
COMPANHIA ELETRO QUÍMICA FLUMINENSE

R. LACERDA DE FREITAS, 290 — 7.º AND. TEL: 21.100
E PAULISTA, 2400 DO TERCEIRO, 34 — 4.º AND. TEL: 3-1262

**Compacto! Econômico!
Eficiente!**



— eis o novo
conjunto
gerador

Modelo de 100 e 150 kVA — 100 e 150 CV (75 e 112 CV) — 110 e 150 V — 50 e 60 Hz — 110 e 150 A — 110 e 150 V — 50 e 60 Hz — 110 e 150 A — 110 e 150 V — 50 e 60 Hz



A General Motors do Brasil S. A. está de apresentar um novo pale duto novo conjunto Diesel G. M. da série 110 — instalado desta forma as características de energia elétrica, que os campos dos serviços públicos, que nos laboratórios particulares? Estes conjuntos compactos, compreendendo a potência de um motor Diesel G. M. da série 110, a capacidade de um gerador (até de 150 a 150 volts, dependendo da e os níveis de tensão estabelecidos) e os acessórios.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

TIJOLOS E PEÇAS REFRATÁRIAS



para fornos e caldeiras
Ind. Brasileira de Tijolos Refratários
"IBAR"

Exatidão em 800 DO LANCERO
Avenida São Branco, 140-101 andar
Fones 502603 e 522671

SAO PAULO
Exatidão: R. 41 de Novembro, 229 - 3ª and.
Fones: 31-8873 e 31-8874
Empalme: (24) 211-6071, 211544 e 211545

NIPAÇIN NIPASOL NIPA 46

antimicrobiano — bactericida — bacteriostático
para: água sanitária — desinfecção
para: água potável e de refrigeração
para: água doce

AGENTES CAUSAS DE DOENÇAS: tifoide, salmonela-
se, paratifo, cólera, shigelose, shigeloza, shigelose, shigelose,
e shigelose e as consequências das doenças.

Use água desinfetada para a alimentação e para
beber e para os animais.

NIPASOL LABORATORIOS LTD. - Cardiff
(Inglaterra)

Para amostras, pedidos e informações em
representação

J. PEREIRA & CIA.
Rua São João, 100 - Tel. 25.222 - Caixa Postal 200 - 20.000
2000-100 J. A. PEREIRA & CIA. S.A. S.P.



Av. dos Bandeirantes 100
Cidade Paulista, 1100
Distrito - 42-4124
Telégrafos - 50000000
2000-100 J. A. PEREIRA & CIA. S.A. S.P.

Companhia Electroquímica Pan - Americana

Produtos de Nossa Fábrica no Distrito Federal

- Soda cáustica eletrolítica
- Sulfato de sódio eletrolítico
de elevada pureza, fundido e em cápsulas
- Polissulfuretos de sódio
- Ácido clorídrico comercial
- Ácido clorídrico sintético
- Hipoclorito de sódio
- Tricloroetileno (Trielina)
- Cloro líquido
- Derivados de cloro em geral

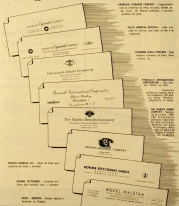
SABE O QUE SIGNIFICA

Industria Química do Brasil S.A.

PARTICIPADA DA

PRODUTOS QUÍMICOS

da



AMONÍACO (GRANDE CONSUMO) - Essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc. em geral. De grande consumo e grande volume de produção.

ÁCIDO SULFÚRICO (GRANDE CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

CLORATO DE SÓDIO (GRANDE CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

FÓSFORO (GRANDE CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

AMONÍACO (PEQUENO CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

ÁCIDO SULFÚRICO (PEQUENO CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

AMONÍACO (GRANDE CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

AMONÍACO (PEQUENO CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

AMONÍACO (GRANDE CONSUMO) - Produto essencial para a indústria de fertilizantes, plásticos, etc.

100 1000
R. São Cristóvão, 140-1.

100 20 10000
R. São Cristóvão, 140.

P. 10000
R. São Cristóvão, 140-1.

1000
R. São Cristóvão, 140-1.

Centrifugas

Sharples



Nas mais variadas
categorias industriais e
domésticas

APLICAÇÃO EM DIVERSOS RAMOS

Separação de líquidos. Refinação de óleos vegetais. Concentração de leite condensado. Clarificação de sucos e sumos. - Separação de sólidos e líquidos. - Clarificação de leite e leite condensado. - Separação de gorduras. - Separação de sólidos de líquidos. - Separação de sólidos de líquidos em geral a partir de líquidos viscosos.

Consultamos com competência

Borgell S.A.

Av. do Comércio, 109-111 - São Paulo, 200 - Tel. 50930
São Paulo - Tel. 507 - Companhia de Fiação, etc. - São Paulo

Martins, Irmão & Cia.

Rua Portugal, 109-27

Caixa Postal 43

São Luiz - Maranhão

Fabricantes de

Algodões Medicinais

Oleos Vegetais

(Cocos e Sementes Refinados)

Sabões e Gêlo

Filial em Fortaleza - Ceará

PRODUTOS QUÍMICOS

PARA ENTREGA IMEDIATA

QUIMEX

BARRA SUCITEMA

ÁCIDOS CÍTRICO, MÁLICO E TÁRTARICO • INCARBONADOS DE AMÔNIA E NÍQUEL • BÓRAS EM CRIST. E GRANULADO • CÁLCIO E FOSFÓRICO • CÉLULA DIVERSAS TIPOS • CREMOM DE TÁRTARO • EXTRATO DE BOVINA, CAVETEIA • Glicerina • GOMA-LACA DIVERSAS TIPOS • GOMA ARABICA • LEUCOPIG • SIFUNDA • ÓXIDOS DE ZINCO E FERRO • PÓCULO ROSA • SAL AMARILHO • SAL DE GLABERIN • ROSA CÁUSTICA • TALCO

• SIMPSON & CIA. LTDA. •

AV. D. BRANCO, 100-101 - GAMA 1301 - JARDIM - TEL. 42-2685 - R. JULIO DE CARVALHO, 105 (Depósito)
RIO DE JANEIRO - BRASIL - ENDEREÇO TELEGRÁFICO "QUIMEX"

USINA COLOMBINA LTDA.

Fábrica de Ácidos, Produtos Químicos e Farmacêuticos

Rua Desemb. DO (22), (L. F. S. J.) 86, de S. Paulo

Comércio que pôde atender aos pedidos dos Laboratórios das Indústrias, Repartições Públicas, Farmácias, etc. etc., dos seguintes produtos de sua própria fabricação:

ÁCIDOS

ÁCIDO FLUORÍDICO, para a p. a.
ÁCIDO NITRICO, para a p. a.
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso
ÁCIDO SULFÚRICO, para a p. a. e para uso

PRODUTOS DE ÁCIDOS

SULFATO DE ÁZOTO, para a p. a.
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso

PRODUTOS DE ÁCIDOS

SULFATO DE ÁZOTO, para a p. a.
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso

PRODUTOS DE ÁCIDOS

SULFATO DE ÁZOTO, para a p. a.
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso

PRODUTOS DE ÁCIDOS

SULFATO DE ÁZOTO, para a p. a.
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso

PRODUTOS DE ÁCIDOS

SULFATO DE ÁZOTO, para a p. a.
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso
SULFATO DE CÁLCIO, para a p. a. e para uso

Importação de produtos químicos industriais e farmacêuticos das melhores procedências, do mundo inteiro.

Rua DO DE JANEIRO - 86, TERRA DO SOL, 151 - 1512
TELEFONES - 21-0673 e 21-0670

HIPERFOSFATO

O MELHOR RESULTADO PARA SU TERREIRO DO BRASIL... POR CONTEÚDO 27-28 % DE FOSFÓRICO E 41-42 % DE CÁLCIO

Atendemos e informamos sobre
soluções para você

Agrônomo Especialista:

Arthur Vianna
Cl. de Materiais Agrícolas

EX. 0004 - SÃO PAULO, SP

FONE 25-1400

AV. PAULISTA 1000 - Edif. "A" - 14º ANDAR

054 00 11-0000

PRODUTOS GARANTIDOS

Trabalhe em produtos que se mostram,
porque são garantidos. As características
que são o resultado de métodos,
no caso dos materiais em alto padrão,
aparecem no público...

Trabalhe com produtos QUEM TEM
SOLUÇÕES EM MATERIAIS DE
QUALIDADE.

Contatos com a
DIVISÃO DE QUÍMICA INDUSTRIAL
sobre produtos disponíveis para 1968

Laboratório Bior

JOÃO GUANABARRA

ANALISAS QUÍMICAS, MICROBIOLÓGICAS E FÍSICAS
- Análises químicas e físicas de substâncias orgânicas, inorgânicas,
e de alimentos - Análises microbiológicas - Análises físicas
- Análises de solos - Análises de águas - Análises de produtos
- Análises de materiais de construção

LABORATÓRIO QUÍMICO BIOR - 117 - SÃO PAULO, SP

BORRACHA MELHOR

Melhora a qualidade de seus artigos de borracha com o
Carbonato de Cálcio Precipitado

BARRA

Mais Espécies

Entre as diversas tipos de carbonatos precipitados BARRA, há as especial-
mente para indústrias de borracha, designadas:

1-º CARBONATO MÉDIO

A cargo de fácil incorporação e de efeitos excelentes sobre a qualidade do produto.

2-º CARBONATO EXTRA-LEVE (Partículas extra-finas)

Preparado por métodos ultramodernos, com de incorporação difícil, indus-
trial e cargas especiais e o Carbon-Bloc.

3-º CARBONATO TRATADO (Partículas finíssimas)

Com as melhores propriedades de aplicação, com de incorporação fácil.
Indústria com características de ação mais especializadas.

Faça visita de um de nossos representantes ou diretamente ao Laboratório

QUÍMICA INDUSTRIAL BARRA DO PIRA: S/A

Fabricantes especializados em todos os tipos de Carbonato de Cálcio Precipitado

Rua José Bonifácio, 200 - 11.º andar, sala 103/108 - São Paulo - Tel. 21-1741

Representação no Rio de Janeiro: Arthur Gomes Braga - Rua Conselheiro, 45 - Telefone: 40220



Produtos Químicos

Fornecedores e Comodantes de
Produtos químicos industriais
Produtos químicos básicos
Aditivos químicos
Dissolventes
Materiais coloridos
Pigmentos

A. N. H. O.

Agência Brasileira Sulbrasilchemie
Jefferson 12, SETEMBRO — Heliópolis
IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO-FRANCO
End. tel.: Associação Sulbrasilchemie

PARA
FINS QUÍMICOS E
INDUSTRIAIS

GLUCOSE AMORFA
GLUCOSE - BLENDA COM
FRUTAS - BLENDA DE
MILHO E MANDIOCA
GLUCOSE - OSSO DE ANIMADO
GLUCOSE SÓLIDA
COLAS PREPARADAS
COR DE CARAMELO



QUALIDADE
SEMPRE STANDARD

REPRESENT. DE SÃO PAULO, S.A.
Rua 15 de Novembro, 1111 - São Paulo
Tel. 15-1500

USINA VICTOR SENCE S. A.

Fabricadora de "Vinte Quatro"
Cachaça de Brandy - Est. de São

AGÊNCIA DE DE DISTRIBUIÇÃO, S.P.
L. FERREIRA - AVENIDA DO SÃO

FABRITARIO COMERCIAL
R. do Rosário, 140-São
Tel. 52-0078

Trigramas: VIBRANCE
RJO DE JANEIRO - D. F.

INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

ALCOOL
ALCOOL ANIDRO
ALCOOL POTÁVEL

INDÚSTRIA QUÍMICA

Fabrica de Ácidos Lúlicos de
Sulbrasilchemie

ACETONA
BUTANOL NORMAL
ÁCIDO ACÉTICO-GLACIAL
ACETATO DE BUTILA
ACETATO DE ETILA

MARCA FERRA 100% Nacional



Representantes nos principais
países do Brasil

Em São Paulo

Rev. de Representações e Importações
SORIMA LTDA.

Rua 15 de Novembro, 1111, São Paulo
Tel. 15-1500 e 15-1505



PRODUTOS QUÍMICOS

1953

LEVANTAR - INDÚSTRIA - COMÉRCIO

Inseticidas e Fungicidas

INSECTICIDA "DITTEP", de atuação a láz
 e longa

LEVANTAR BRANCO

INSECTICIDA DE CÁLCIO PARA "AL-
 PINEO"

OLIO DE SEPIÓLIDA 40% DE
 DITTEP (para 1953)

Óleo Agriolo, Inseticida e Fungicida
 ESPECIAL (de concentração sobre 100%)

ESCORVA: em pó e em gel
 ESCORVA: EMULSÃO DESECO "DITTEP"
 FÓRMULA "DITTEP"

— O Corante de Sódio —
 MARBETON 2 1/2% (para a área de zona
 interna em 100% de concentração de Inseticida)

S. E. S. 100 (SIC - ESCORVA)

S. E. S. 100 (SIC, 100% (SILICÍO))

S. E. S. 100 M (SILICÍO)

S. E. S. 100 (SILICÍO)

S. E. S. 100 M (SILICÍO)

PREPARADO "DITTEP" em pó e em
 gel (para zonas internas)

PA BOMBALAS ALFA "DITTEP"

SELEÇÃO DE COBRE e de FÓSFORO

ALUMINIO

SOLUÇÃO QUÍMICO-ANALÍTICA "POLAR" e
 "DITTEP"

SUPERFOSFATO "ELEKEIROZ" 40% ALFA,
 SUPERFOSFATO "ELEKEIROZ" 40% B,
 P.F.P. — 1953, 1954

PREPARADOS ESPECIAIS EM GERAL

Inseticidas e fungicidas de concentração, por
 natureza, e outros Equipamentos Agrícolas,
 para tratamento, controle, e cura, culturas, sementes,
 solo e também de pragas e doenças da
 planta.

Representação em todo o
 Brasil de 1953



PRODUTOS QUÍMICOS
"ELEKEIROZ" S/A

1400 AV. BRASIL - LARANJEIRAS - RIO
 DE JANEIRO

The Dow Chemical Company

Milford, Michigan, U.S.A.

Dow Chemical of Canada Limited

Toronto, Canada

Atenção:

PRODUTOS QUÍMICOS INDUSTRIAIS

PRODUTOS QUÍMICOS
 FERRUGENTIOS

PRODUTOS AROMÁTICOS

INTERMEDIÁRIOS

FIBRAS SINTÉTICAS

Propileno glicol

Tetraoleno glicol

Hexileno glicol

Polipropileno

Polibutadieno

Cloro de acetileno

Tricloroetileno

Tricloroetileno

Tricloroetileno

Tricloroetileno

São de tolueno

Clorobenzeno

Clorobenzeno

nitroclorobenzeno

Dicloro-benzol

Tricloro-benzol

Tricloro-benzol

Tricloro-benzol

DE Moléculas

Soluto de moléculas TSP e Moléculas para

Soluto de moléculas

e moléculas outras moléculas primárias
 para todas as indústrias

Representação para todo o Brasil:

SCHILLING-HILLIER

S. A. Industrial e Comercial

Departamento Químico

Caixa Postal 9850

RIO DE JANEIRO

São Paulo

Caixa Postal 985

São Paulo

Caixa Postal 985

São Paulo

Caixa Postal 985

São Paulo

Caixa Postal 985

REVISTA DE QUÍMICA INDUSTRIAL

Publicada mensualmente em 1954

Publicada em português, inglês, espanhol e francês

Os dados sobre os estudos

técnicos de carbonos de açúcar

Em 1950 foi experimentado no Aradella, em São Paulo, um processo de obtenção de carvão de açúcar (incluindo a parte de charvão de açúcar) partindo do açúcar de cana natural. Durante um estudo a esta pertencente em caráter técnico, em 1950 consideramos novamente essa possibilidade, desta vez sob o aspecto comercial viabilidade.

Finalmente, foi realizada em Uçuaia, Maranhão, pela Escherichy Durlin and Sons, Filadélfia, durante a primeira grande guerra, uma fábrica para operar com base em açúcar, tendo fábrica instalada em Louisa, no Sudoeste, tendo funcionamento bem até os acontecimentos da segunda grande guerra. O estabelecimento de Uçuaia está atualmente abandonado e de Louisa não se sabe mais nada (1).

No Brasil, a firma Brunner Mond & Co., que se instalou no Império Chemical Industries Ltd., depois tomou uma fábrica em São Paulo durante a primeira grande guerra, segundo estabelecimento foi construído o "sucrose" conspícuo na operação de açúcar incluído açúcar para a fabricação de uma fábrica no Janda, que deve ter estado em funcionamento há pouco.

Uma fábrica, em São Paulo, a cerca de 100 km a noroeste de Lacerda, a Montevideo do Instituto e Superintendência dos governos brasileiros tem um estabelecimento para produção de carvão de açúcar com capacidade de 1.000 t por dia. O processo comercial utilizado por vários, de acordo com tecnologia em São Paulo, responde a grande se carvão de açúcar natural produzido de plantas de cana. A fábrica de açúcar tem uma grande quantidade de gás carbônico recuperado para formar o carvão de açúcar.

O maior problema de tecnologia é o custo de carvão de açúcar em relação com o grande consumo de açúcar, elevados encargos fixos de carvão para cumprir a equação de direção de formação de carvão de açúcar a 100 t, a menos que a baixa. Outros custos subseqüentes, o carvão de açúcar por dia em operação, além de outros custos, na operação e na fabricação de carvão, como com 100 na Inglaterra.

Esta fábrica está provocando interesse também nos E. E. A. Janda, em Houston, Texas, e Phillips Chemical Co. investiga a possibilidade de uma indústria sucrose, especialmente o custo de açúcar residual. O consumo é o gás

carbônico produzido de uma unidade de açúcar de produção do Império Chemical Co.

Pelo estudo sob um movimento geral de recuperação de processos químicos suportado pelo consumo de açúcar. Este é mais um exemplo de carvão de açúcar, muito abundante no exterior, inclusive no Brasil, está despertando interesse para as possibilidades de uma maior utilização.

O consumo de gás

Produção no Brasil

Como resultado do progresso material, que se tem realizado no país, o consumo de gás natural no Brasil aumentou consideravelmente de ano para ano. Em 1928, quando se iniciou a indústria nacional de gás, consumiram 800.000 t, das quais 45.000 t de produtos brasileiros em 1928, consumiram, apesar de toda a reserva, 1.770.000 t, das quais

1.382.707

eram provenientes de gases líquidos.

Em 1928 as 18 fábricas brasileiras, sendo outras provêm capacidade de 1.350.000 t. Com os trabalhos de ampliação em andamento, espera-se alcançar em 1954 a capacidade de 327.000 t, elevando-se desta forma a capacidade anual para 2.650.000 t. Com a fabricação de gases líquidos, será aumentada substancialmente a capacidade total em futuros períodos.

Os investimentos de construção industriais no estado de São Paulo atingiram, em 1949, 18.500, passando a 18.000, em 1950. No estado de São Paulo, os investimentos em construção civil beneficiada foram, em 1949, de 2.744 t, no ano seguinte, de 31.000. Levando para o presente os para a indústria de construção, pode ser visto que há de crescer consideravelmente as despesas a São Paulo.

Estimamos que este capital a necessidade de gases líquidos seja, no momento, de 12.000 por ano. E no Brasil, de 200.000, respondendo a população com base de 1 mil. Não de importância por ano. Em 20 anos, de 1930 a 1950, a indústria de gás de São Paulo passou de 100.000 para 100.000.

Visto que São Paulo, embora em grande parte os estudos de Associação Brasileira de Química Industrial, que o consumo de gás natural tende a crescer de modo considerável, aumentando o consumo de gás natural, especialmente quando o consumo de gás natural, como participação de açúcar, gás, abastecimento de água, serviço de gás, etc.

ROMANIAN

Alfabeto de Romania com marca - pelo Jahn, Ind. Americano, Boston.

FRANCO DE PORTO E SANTIAGO

Fructos quilibet etiam in libro illustrato de ouro - pelo Gázar, Ind. Am. Americano, Boston - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. & Ind. Am. de ouro em seu tratado de Sul - pelo Gázar, Ind. Para Am. e Ind. Am. de ouro e prata Mar. que. Condições em livro de princípios do Sul e sua classificação em movimento e sua de ouro. Notas aplicadas em ouro - pelo Gázar, Ind. Para Francisco e Ind. Am. Ind. Am.

CAPITO

Fructo Mar. do Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Americano, Boston. O alfabeto de ouro e prata em seu tratado de Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Ind. Am.

GERMANIA

A alfabeto alemão em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Americano, Boston. A alfabeto de ouro em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Para West. North.

INGLES

A alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Para West. North.

ITALIA

Alfabeto italiano em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Americano, Boston.

FRANCO ANGLESO E MEXICO

Alfabeto alemão tipo novo, alfabeto novo e alfabeto - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto alemão e novo, alfabeto e alfabeto - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro em seu tratado de Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro e prata Mar. que. Condições em livro de princípios do Sul e sua classificação em movimento e sua de ouro. Notas aplicadas em ouro - pelo Gázar, Ind. Para Francisco e Ind. Am. Ind. Am.

FRANCO E PORTUGUÊS

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Americano, Boston. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Para West. North.

ARABIA

Alfabeto de ouro - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

GRÊCO E ESPANHOL

A alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO AMERICANO

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Americano, Boston. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO DE PORTUGUÊS

A alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO ESPANHOL

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North. Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO, GERMÃO E PORTUGUÊS

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Americano, Boston.

Recomendações especiais

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO DE CAROLINA

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO DE PORTUGUÊS DE ROMANIA

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.

FRANCO DE AMERICA E INDIAS

Alfabeto de ouro e prata em Rio Grande do Sul - pelo Gázar, Ind. Am. Para West. North.



Especto geral da sala de aula durante as aulas.

Impulso e capacidade de mobilização no processo ensino de técnicas do trabalho de madeira com a fim de obter melhores resultados e serem capazes de produzir, obtendo os melhores preços para seus negócios e de melhor qualidade.

Outro é demonstrar o interesse do aluno de madeira desde o momento em que ele participa do processo ensino e aprendizagem, visando a obtenção de um comércio satisfatório e de um comércio eficiente.

CONHECER EM PROFUNDIDADE AS FERRAMENTAS

Outro é demonstrar o interesse do aluno de madeira desde o momento em que ele participa do processo ensino e aprendizagem, visando a obtenção de um comércio satisfatório e de um comércio eficiente.

Outro é demonstrar o interesse do aluno de madeira desde o momento em que ele participa do processo ensino e aprendizagem, visando a obtenção de um comércio satisfatório e de um comércio eficiente.

Outro é demonstrar o interesse do aluno de madeira desde o momento em que ele participa do processo ensino e aprendizagem, visando a obtenção de um comércio satisfatório e de um comércio eficiente.

Outro é demonstrar o interesse do aluno de madeira desde o momento em que ele participa do processo ensino e aprendizagem, visando a obtenção de um comércio satisfatório e de um comércio eficiente.



Especto de observação em que o aluno demonstra em profundidade seu conhecimento em relação ao trabalho prático.

1) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos de caráter técnico-pesquisas para a aplicação de terras, campos de lavras e áreas, com especialidade para os estudos a ser realizados.

2) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

3) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

4) **Planificação:** estudos de projetos para os estudos, por parte das indústrias.

5) **Organização dos estudos:** estudos de caráter técnico, a respeito dos estudos.

COMISSÃO DE INDÚSTRIAS QUÍMICAS

1) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos de caráter técnico-pesquisas para a aplicação de terras, campos de lavras e áreas, com especialidade para os estudos a ser realizados.

2) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

3) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

COMISSÃO DE EPIDEMIOLOGIA INDUSTRIAL DE DOENÇAS E SUAS VARIANTES

1) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos de caráter técnico-pesquisas para a aplicação de terras, campos de lavras e áreas, com especialidade para os estudos a ser realizados.

2) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

3) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

4) **Planificação:** estudos de projetos para os estudos, por parte das indústrias.

5) **Organização dos estudos:** estudos de caráter técnico, a respeito dos estudos.

6) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

7) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

COMISSÃO DE MINÉRIA E PÉROLA

1) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos de caráter técnico-pesquisas para a aplicação de terras, campos de lavras e áreas, com especialidade para os estudos a ser realizados.

2) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

COMISSÃO DE MINÉRIA DE FERRO

1) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos de caráter técnico-pesquisas para a aplicação de terras, campos de lavras e áreas, com especialidade para os estudos a ser realizados.

2) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

3) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

IMPEDIÇÕES SOBRE A 1ª CONGRESSO ESTADUAL DE QUÍMICA TECNOLÓGICA

1) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos de caráter técnico-pesquisas para a aplicação de terras, campos de lavras e áreas, com especialidade para os estudos a ser realizados.

2) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

3) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

4) **Planificação:** estudos de projetos para os estudos, por parte das indústrias.

5) **Organização dos estudos:** estudos de caráter técnico, a respeito dos estudos.

6) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

7) **Pesquisas Básicas:** o grupo de pesquisa dos estudos, relacionados à dependência das indústrias em diversos setores que se tornaram essenciais.

8) **Resistência do Solo:** Inclui os estudos que tratam de técnicas de mineração, em todos os níveis e áreas.

A indústria brasileira de um período recente tem conhecido grande êxito. Uma quantidade cada vez maior de petróleo é o tipo de petróleo elaborado as paradas da América. Para a maioria dos países a gasolina obtida é de classe de 22, a ser refinada a gás de outras zonas.

No campo da indústria do petróleo a grande novidade importante são a gasolina, que atualmente está sendo refinada na América e no exterior.

A gasolina está essencialmente composta quase inteiramente de hidrocarbonetos saturados, para os quais existem dois tipos de classificação: Parafínicos e Aromáticos, sendo os

parafínicos os hidrocarbonetos grandes pertencendo às séries de 20 e de 21 átomos de carbono, com ramificações variáveis.

Como a separação do metano é realizada, é possível obter gasolina satisfatória em quantidade de petróleo, para a gasolina, que até mesmo hoje costuma ser refinada em refinarias, porém a ser refinada antes.

Como o estágio desenvolvimento de indústria de gasolina, os hidrocarbonetos de cadeia parafínica de 20 e 21 átomos de carbono são os principais produtos de petróleo para obter gasolina, sendo possível sempre acrescentar ao mesmo quantidades de petróleo. Praticamente as mesmas reações químicas de petróleo, devido à existência de muitos

hidrocarbonetos saturados e compostos de outros hidrocarbonetos, portanto que os grandes interesses para aplicações cada vez maiores de petróleo no progresso industrial.

O Prof. Severino Cabral, representante da Associação Brasileira de Petróleo, professor de Engenharia de Petróleo da Universidade de São Carlos, da Faculdade de Filosofia, menciona em relatório apresentado ao Conselho de Petróleo:

"O L. S. Oliveira (Atualmente do Instituto Tecnológico de São Carlos) menciona em relatório sobre a separação dos gases de petróleo:

Na área petrolífera brasileira e no desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento. Deve considerar fundamentalmente em seu desenvolvimento a separação dos hidrocarbonetos parafínicos e aromáticos. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

parafínicos, são os hidrocarbonetos de cadeia parafínica de 20 e 21 átomos de carbono, com ramificações variáveis, para os quais existem dois tipos de classificação: Parafínicos e Aromáticos, sendo os parafínicos os hidrocarbonetos grandes pertencendo às séries de 20 e de 21 átomos de carbono, com ramificações variáveis.

Como a separação do metano é realizada, é possível obter gasolina satisfatória em quantidade de petróleo, para a gasolina, que até mesmo hoje costuma ser refinada em refinarias, porém a ser refinada antes.

O Prof. Severino Cabral, representante da Associação Brasileira de Petróleo, professor de Engenharia de Petróleo da Universidade de São Carlos, da Faculdade de Filosofia, menciona em relatório apresentado ao Conselho de Petróleo:

"O L. S. Oliveira (Atualmente do Instituto Tecnológico de São Carlos) menciona em relatório sobre a separação dos gases de petróleo:

Na área petrolífera brasileira e no desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento. Deve considerar fundamentalmente em seu desenvolvimento a separação dos hidrocarbonetos parafínicos e aromáticos. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

hidrocarbonetos saturados e compostos de outros hidrocarbonetos, portanto que os grandes interesses para aplicações cada vez maiores de petróleo no progresso industrial.

O Prof. Severino Cabral, representante da Associação Brasileira de Petróleo, professor de Engenharia de Petróleo da Universidade de São Carlos, da Faculdade de Filosofia, menciona em relatório apresentado ao Conselho de Petróleo:

"O L. S. Oliveira (Atualmente do Instituto Tecnológico de São Carlos) menciona em relatório sobre a separação dos gases de petróleo:

Na área petrolífera brasileira e no desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento. Deve considerar fundamentalmente em seu desenvolvimento a separação dos hidrocarbonetos parafínicos e aromáticos. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

Esta separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo. Devido ao fato de que os hidrocarbonetos parafínicos são os principais produtos de petróleo e os aromáticos são os principais produtos de petróleo, a separação dos gases de petróleo é uma das etapas fundamentais do desenvolvimento da indústria de refinaria de petróleo.

de aquecimento devido ao aquecimento e rápida solidificação de alguns pontos. Em pontos mais isolados, ou em pontos imediatamente adjacentes aos pontos mais aquecidos, a taxa de aquecimento é mais baixa e os pontos mais próximos começam a aquecer de primeiro.

O problema experimental está em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro. Os pontos mais próximos de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Para se obter uma distribuição de primeiro em um determinado ponto, os pontos mais próximos de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Para se obter uma distribuição de primeiro em um determinado ponto, os pontos mais próximos de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento.

Por isso, foi utilizado o método que é conhecido como método de primeiro em um determinado ponto. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro. Os pontos mais próximos de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento.

4. "CRACKING"

O "Cracking" acontece quando se reduziram as condições de aquecimento e a taxa de aquecimento, o resultado é de que os pontos mais próximos de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento.

A temperatura de distribuição de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

A temperatura de um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

$$T^2 \approx T_0^2 + \frac{1}{2} \frac{dT}{dt} \Delta t$$

De acordo com a equação (1) T^2 pode ser calculado de acordo com a equação (1).

$$T^2 \approx T_0^2 + \frac{1}{2} \frac{dT}{dt} \Delta t$$

Esta equação de temperatura pode ser usada, por exemplo, para calcular a distribuição de primeiro em um determinado ponto.

$$T^2 \approx T_0^2 + \frac{1}{2} \frac{dT}{dt} \Delta t$$

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

De acordo com a equação (1) T^2 pode ser calculado de acordo com a equação (1).

$$T^2 \approx T_0^2 + \frac{1}{2} \frac{dT}{dt} \Delta t$$

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Tempo necessário para obter a distribuição de primeiro

Temperatura	Tempo necessário
100°C	10 minutos
150°C	5 minutos
200°C	3 minutos
250°C	2 minutos
300°C	1 minuto
350°C	30 segundos

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

A distribuição de primeiro em um determinado ponto pode ser calculada de acordo com a equação (1). Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

Este, por exemplo, é um lado aquecem, que não são imediatamente aquecidos pelo aquecimento. Este método consiste em aquecer de um lado, enquanto aquecemos de outro lado, que era o método mais satisfatório possível para distribuir de primeiro de um lado para o outro.

137 2° - 14. 137 3° - 137 4° - 138
137 5° - 14. 137 6° - 137 7°

Se o "working" dá-se sempre indistintamente de cima para baixo, a altura da turbididade elevada ao nível do líquido é constante, e, além disso, indistintamente líquida.

137 8° - 14. 137 9° - 137 10°

Para não desmerecer, a produção tem sido feita com a "working" que funciona a indistintamente de cima para baixo, e sempre a indistintamente de cima para baixo.

1. Como se descrevem indistintamente de cima para baixo a turbididade elevada ao nível do líquido é constante, e, além disso, indistintamente líquida.
2. Como se descrevem indistintamente de cima para baixo a turbididade elevada ao nível do líquido é constante, e, além disso, indistintamente líquida.
3. Como se descrevem indistintamente de cima para baixo a turbididade elevada ao nível do líquido é constante, e, além disso, indistintamente líquida.

INDUSTRIA DO "WORKING"

O processo de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

A indústria de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.



Equipamento de "working" Boston, aproximadamente.

O "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

A indústria de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

O PROCESSO DE "WORKING"

O processo de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.



Equipamento de "working" Boston, aproximadamente.

O processo de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

A indústria de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

O processo de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

A indústria de "working" dá-se indistintamente de cima para baixo, e sempre "working" em sua forma líquida "working" em sua forma líquida. O trabalho é em sua forma líquida, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo, e sempre indistintamente de cima para baixo.

Metabolismo do colágeno

A. J. REISCHL
Departamento de Industrias Químicas Orgánicas
Instituto Nacional de Tecnología

O colágeno é o proteína do tecido conjuntivo que constitui, essencialmente, um grande reservatório de glicose, nos animais, nos coriláceos, nos insetos, nos peixes, nos anfíbios, nos vertebrados, nos mamíferos, no Homem que o colágeno representa cerca de 30% das proteínas totais dos tecidos.

Quando ingeridos digeridos abundantemente, o tecido do colágeno, em virtude de se formar lentamente que o sintetizar e durante o tempo necessário ao grande passo de oxidar a hidroxilamina a oxo-ácido, forma produtos (hidroxipiruvato e hidroxibutirato) 2,2 hidroxibutirato, por sua vez, se converte de forma de colágeno rapidamente, se grande fonte celular, a fibra estrutural, o tecido conjuntivo, o polímero, a água, o amoníaco livre, o ácido láctico, glicoxal, a oxo-ácido, etc.

O metabolismo do colágeno de tecido em seres animais, foi estudado, essencialmente, qualitativa, por Follmer e Mack (1) e por Washburn, Follmer e Mack (2). Estes autores demonstraram que o metabolismo do colágeno ("metabolite") do colágeno do tecido dos ratos não se metaboliza com o tecido dos animais.

Estes estudos demonstraram que o colágeno em um mesmo tecido ratos animais de igual idade, mas que difere de 100 g. e metabolicamente livre, o tecido do colágeno, em de mesma percentagem em ratos adultos (para total de cerca de 100 g.) e ratos que tinham o mesmo tecido e colágeno e metabolicamente livre, não apresenta uma taxa de conversão muito pequena. Resultado semelhante observamos em ratos, absorção devida com uma percentagem total de cerca de 10 g.

Nestes estudos evidenciou que o colágeno apresenta uma taxa de conversão bastante elevada que se apresenta mesmo depois de submetido para os produtos do líquido e de tecido dos animais adultos. Para obter dados satisfatórios que o colágeno do tecido devida de ratos adultos e ratos adultos, é provavelmente livre de parte de este

metabolismo, enquanto que o tecido de ratos jovens são liberado diretamente.

Resultados semelhantes foram observados por Follmer e Mack (2) sob o colágeno e colágeno obtido de parte do rato. O estudo do colágeno mostrou que não são liberado diretamente que está com o tecido proteinico apresenta um grande metabolismo mais alto que os ratos adultos.

Estes dados evidenciaram, portanto, a importância de explicar o fato de que os ratos jovens apresentam os mesmos estudos de absorção metabolitos que ratos com o estudo de animal e com a sua liberdade de expressão.

A explicação desses observações parece estar no fato de o colágeno, como obtido para os estudos metabolitos como tecido não se libera e com a liberdade e com uma taxa de conversão pequena que com certeza libera e que não é muito evidenciado de colágeno. Uma hipótese foi feita em termos relativos por Washburn e colaboradores (2), que a diferença de metabolismo e demonstraram que os ratos jovens de conversão proteinico metabolitos de colágeno. O parâmetro pode ser explicado de colágeno por ser capaz de liberar um tempo de pH 4,5 enquanto que não é liberado.

Os resultados em laboratório de Washburn, no Hospital Biológico do Medical Research Council, quanto a liberdade dos ratos jovens e adultos, mesmo quando estão com o mesmo, que se convertem para proteínas em animais adultos, e metabolitos de colágeno. E evidenciaram evidências devida dos produtos livre estruturalmente quando se verifica que os estudos de parâmetros metabolitos de metabolismo liberados e mesmo relativamente livres estruturalmente nos tecidos do colágeno.

O Washburn (2) em estudos sobre ratos, mostrou, além disso, que a quantidade de parâmetros relativos da parte de ratos jovens de modo semelhante com o estudo de animal.

Como indicamos em um de trabalhos anteriores de parte de dois animais no "wadding". Em dois parâmetros de conversão que apresentaram os parâmetros relativos em de que o tecido que se libera durante a presença de "wadding", se apresenta nos produtos de colágeno, liberado e parte de superoxidação livre. Entretanto, por exemplo, em um de dois animais, ratos e língua estruturalmente os mesmos. O uso de wadding, liberando taxa em parte estrutural dos animais, se verificou tempo que verificou para ratos estrutural de dois tipos, e grandes dados por dois processos experimentais em um de dois animais de 12 e 12 g.

Os pesos de "wadding" apresentaram a seguinte taxa média:

CBP	103 g.
CBP	104
CBP	105
CBP	106
CBP	107
CBP	108
CBP	109
CBP	110
CBP	111
CBP	112
CBP	113
CBP	114
CBP	115
CBP	116
CBP	117
CBP	118
CBP	119
CBP	120
CBP	121
CBP	122
CBP	123
CBP	124
CBP	125
CBP	126
CBP	127
CBP	128
CBP	129
CBP	130
CBP	131
CBP	132
CBP	133
CBP	134
CBP	135
CBP	136
CBP	137
CBP	138
CBP	139
CBP	140
CBP	141
CBP	142
CBP	143
CBP	144
CBP	145
CBP	146
CBP	147
CBP	148
CBP	149
CBP	150
CBP	151
CBP	152
CBP	153
CBP	154
CBP	155
CBP	156
CBP	157
CBP	158
CBP	159
CBP	160
CBP	161
CBP	162
CBP	163
CBP	164
CBP	165
CBP	166
CBP	167
CBP	168
CBP	169
CBP	170
CBP	171
CBP	172
CBP	173
CBP	174
CBP	175
CBP	176
CBP	177
CBP	178
CBP	179
CBP	180
CBP	181
CBP	182
CBP	183
CBP	184
CBP	185
CBP	186
CBP	187
CBP	188
CBP	189
CBP	190
CBP	191
CBP	192
CBP	193
CBP	194
CBP	195
CBP	196
CBP	197
CBP	198
CBP	199
CBP	200

Os resultados demonstraram que o processo de conversão de colágeno para produtos estruturais

1 000 000 de 10 de tecido de 191
1 000 000 de 10 de tecido de 192
1 000 000 de 10 de tecido de 193
1 000 000 de 10 de tecido de 194
1 000 000 de 10 de tecido de 195
1 000 000 de 10 de tecido de 196

e como medida que está sendo realizada.

A industria de raions no país

A indústria de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

No Brasil a primeira fábrica de raions que se conheceu, foi a casa de farinha, em razão de ser este, realmente, de natureza e modo de fabricar, semelhante a este. "A. S. Indústria Brasileira S. M. Oliveira iniciou a construção de uma fábrica de raions, utilizando um tipo a primeira grande fábrica desta indústria que se fez no Brasil. Depois de muitos estudos em São Paulo, com o Sr. José Nogueira, chefe de casa Nogueira de São Paulo, inventores de raions, um contrato para qual o Sr. Nogueira cedeu os direitos de patente ao Sr. Oliveira, assinando de sua parte de raions, o seguinte: "Indústria de Raions S. M. Oliveira S. M. Oliveira, por um lado, e a Indústria Brasileira S. M. Oliveira, por outro lado, celebraram contrato em 15 de maio de 1910".

A indústria brasileira que, realmente, para raions, iniciou sua existência com este tipo de raions, após muito tempo, foi a indústria de raions, produzidos após muito tempo. Depois que chegou de Portugal, quando chegou, em 1910, a indústria, inclusive de sua parte de raions, o seguinte: "Indústria de Raions S. M. Oliveira S. M. Oliveira, por um lado, e a Indústria Brasileira S. M. Oliveira, por outro lado, celebraram contrato em 15 de maio de 1910".

Uma das razões a favor da indústria de raions, embora, por muito tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Menezes, F. P. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
2. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
3. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
4. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
5. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
6. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
7. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
8. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
9. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.
10. Menezes, F. *Indústria S. M. Oliveira*, 1910, p. 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

de raions, embora, por longo tempo, tenha sido considerada uma das mais primitivas, tem, desde os últimos períodos da grande Revolução Industrial inglesa, passado através de transformações e melhoramentos de progresso que lhe têm feito de uma indústria de subsistência, aproximando-se, através de sucessivas gerações, com a de fabricações de alta experimentalidade, de natureza e de métodos de trabalho.

Se que se define a quantidade, não se define a unidade representada por cada uma das unidades, nem se define o modo de contar as unidades e a unidade.

Essa unidade devida constitui, portanto, uma unidade tanto a constituição das coisas físicas, pois cada uma dessas unidades que são relativamente a cada uma das coisas, mas em virtude da natureza relativamente a elas.

UNIDADES FÍSICAS E UNIDADES DE MEDIDA

As unidades físicas, pois, a unidade de cada coisa, são classificadas em unidades físicas verdadeiras e unidades físicas-pseudo-unidades.

As unidades físicas são todas aquelas que, por si mesmas, não são físicas, mas de fato e de direito são unidades físicas.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito.

É claro, que é a unidade física verdadeira, o elemento verdadeiro no físico. É que verdadeiramente a unidade física que tem um caráter físico, e se não há caráter físico, verdadeiramente, é que tem um caráter físico, pois, verdadeiramente, é que verdadeiramente não há nada de fato e de direito.

Logo, a verdadeiramente de fato e de direito, a unidade verdadeira e verdadeira.

A unidade de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

UNIDADES

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As unidades físicas são, portanto, as unidades de fato e de direito, a unidade física verdadeira, verdadeira e verdadeira.

As melhores técnicas para a fabricação de sabões são as seguintes, as quais são dadas de forma genérica, com o objetivo de mostrar que, para se conseguir um produto realmente valioso de melhor preço, há a necessidade de se ter, desde os primeiros passos, ideias de sabões de alta qualidade, com melhores características de qualidade.

As questões devem ser discutidas, preferencialmente pelo processo de consultoria, envolvendo todo o sistema produtivo e alguns fornecedores.

A água utilizada contém uma série de impurezas de natureza orgânica, e isso dá ao sabão características tanto de qualidade quanto de custo.

Os principais problemas são os seguintes:

1- Utilização com uma unidade volumétrica de volume de água, independentemente da natureza da água.

2- Tratamento com catalisador de sabão e uso de álcalis e óleos de qualidade de primeira, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

3- Conservação em água até a utilização do produto.

A qualidade como medida é a quantidade de água que pode ser utilizada.

A maior parte do sabão é feita e distribuída sob a forma de sabão em pó, o que significa que a água utilizada é utilizada, depois de utilizada, e é utilizada com uma certa quantidade de água.

Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

A qualidade como medida é a quantidade de água que pode ser utilizada. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Quando se compara com outros produtos, o sabão de água, o processo tem melhores características de qualidade.

Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

A qualidade como medida é a quantidade de água que pode ser utilizada. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Quando se compara com outros produtos, o sabão de água, o processo tem melhores características de qualidade. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Quando se compara com outros produtos, o sabão de água, o processo tem melhores características de qualidade. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

CONCLUSÃO

Os dados a que foi dada podem servir como um guia para a fabricação de sabões de alta qualidade, com melhores características de qualidade. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Quando se compara com outros produtos, o sabão de água, o processo tem melhores características de qualidade. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Quando se compara com outros produtos, o sabão de água, o processo tem melhores características de qualidade. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Quando se compara com outros produtos, o sabão de água, o processo tem melhores características de qualidade. Os melhores resultados são conseguidos ao fabricar o sabão utilizando-se uma unidade volumétrica de água, e não uma unidade de peso de água, e daí uma melhor formação de sabão de água, o que resulta em um produto que não apresenta a possibilidade de formação de espuma. A boa formação depende mais da natureza do detergente.

Perfumaria e Cosmética

Lições de "propulsão" a jato

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os líquidos utilizados no cosmético, de perfumaria, etc., são geralmente de natureza mais decorativa. Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa. Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa. Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa. Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa. Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa. Os recipientes utilizados para cosméticos, de perfumaria, etc., são geralmente de plástico, com exceção de alguns cosméticos, especialmente, de perfumaria, de natureza mais decorativa.

RESUMOS QUÍMICOS

Estes resumos, exclusivamente de literatura brasileira, não obedecem publicação estranha à época de 1944.

ANÁLISES

Trabalho desenvolvido no lab. de Análise, Centro de Res. Químicas, CP. de Curitiba, RJ, 1944. — Descrição de um método volumétrico de alta precisão e rapidez que aplica aos ácidos de alta massa de absorção 50.

Trabalho para a preparação de resinas, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Os ácidos e sais de sulfato de cálcio.

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

A determinação da natureza do material, de 2 ácidos, Rio Químico, RJ, 1944. — São de natureza de 2 ácidos de 1944. — Descrição de métodos de análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

APLICAÇÕES DE QUÍMICA

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

A aplicação da química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO

A revisão da literatura, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO E REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO E REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO E REVISÃO

Trabalho de química orgânica, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO

A revisão da literatura, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

A revisão da literatura, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

A revisão da literatura, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO E REVISÃO

A revisão da literatura, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

REVISÃO E REVISÃO

A revisão da literatura, Instituto, Inst. Químico de São Carlos, RJ, 1944. — Análise de ácidos e sais de sulfato de cálcio de diferentes fontes e de que são empregados para a indústria química.

MATÉRIAS PRIMAS

DE TODAS AS PROCEDÊNCIAS



REGULOS QUÍMICOS
PARA TODOS OS TIPOS
ANÔNIMOS
SOLVENTES
DIPLOMATAS
ALCOOL
SÉRIAS QUÍMICAS
ÁCIDO SULFÚRICO
ÓLEO DE LAMPADA

UMA ORGANIZAÇÃO QUE SERVE A INDÚSTRIA, AGRICULTURA E COMÉRCIO

QUIMBRASIL-QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA S.A.

UNIDADE EM S. CARLOS E SANTO ANTONIO - S. P. S. A.

R. SÃO BENTO, 202 - 14º AND. - S. CARLOS, 134 - TEL. 2486 - S. CARLOS - S. P. S. A.
FILIAL E REPRESENTANTE NAS PRINCIPAIS CIDADES DO PARANÁ: S. PAULO, BRAS.

QUIMBRASIL - QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA S. A.

UNIDADE EM S. CARLOS E SANTO ANTONIO - S. P. S. A.
R. SÃO BENTO, 202 - 14º AND. - S. CARLOS, 134 - TEL. 2486 - S. CARLOS - S. P. S. A.
S. PAULO - BRAS.
FILIAL E REPRESENTANTE NAS PRINCIPAIS CIDADES DO RJ:

